



Os 90 anos de Dirce Fecury Zenni foram comemorados com um almoço festivo

• PAG. 4, 5 e 6



A nonagenária Dirce Fecury Zenni com o irmão Mauro Fecury

Lou Marques mudou de idade e festejou a data reunida com sua família e amigos no Grand Cru

• PAG. 2

Divulgação



ELES

cultivam uma velha amizade que se fortalece cada vez mais com o passar dos anos: o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e o ex-presidente José Sarney, que no último domingo recebeu a honrosa visita do atual Chefe da Nação em sua casa no Lago Sul, em Brasília

PAG. 3

Comigo, pobre cronista provinciano, acontece sempre quase exatamente o mesmo: sofro durante horas a ausência de inspiração para iniciar a escrita de uma coluna, vago pelos corredores numa agonia perversa, tentando achar um assunto para abordá-lo, sinto vontade de desistir da profissão.

Passa-me pelo pensamento que isso não deveria ser assim e eu tinha de ter talento suficiente para sentar diante do computador e escrever sobre qualquer assunto.

Há colunas minhas que levo horas para começar a escrever. E só começo porque é soada a hora de baixar o jornal e já está quase esgotado o prazo para eu entregar a coluna pronta.

São raras as colunas que escrevo com grande prazer por já ter alinhavado sem dificuldade as ideias que nelas vou desenvolver.

Quase sempre as colunas que escrevo têm a dificuldade e as dores de um parto. E quando elas são feitas em cima do prazo, sob a pressão do relógio, eu sinto que as submeti a cesarianas.

Nestes mais de 50 anos como jornalista, já escrevi cerca de 20 mil colunas. Nem sei como encontrarei tanto assunto.

Uso alguns recursos para fugir aos meus suplícios à procura de assuntos. O mais comum deles é me debruçar sobre a análise de fatos do cotidiano, retirados do noticiário dos jornais.

SER CRONISTA:

O prazo severo para entregar a minha obra é o ofício da agonia

Mas há dias em que não há fatos dignos de abordagem. Então me volto para dentro de mim, tentando achar um assunto introspectivo, algo que possa estar dominando as minhas preocupações ou os meus contentamentos.

Só que minha vida, nesses anos todos, tem sido tão igual, que quase sempre já abordei em outras colunas o que está se passando no meu terreno emocional. Esbarro no noticiário infértil e nos sentimentos redundantes e repetitivos, que já adiantei outras vezes para meus leitores.

Verifica-se então dentro de mim a mais perversa de todas as agonias: bato contra o rochedo rude da ausência mais completa de inspiração. E sinto uma vontade imensa de desistir, de entregar-me ao ócio vergonhoso das armas ensarilhadas.

Mas aí sobrevém aquele ímpeto de quando acordado pela manhã, a vontade que sinto é de ficar deitado até a noite seguinte.

Mas o dever me chama, é preciso ir adiante, seria vexatório não tomar banho e não dirigir-me ao trabalho, como seria aviltante que um cronista desistisse de ser cronista por lhe faltarem assuntos interessantes.

Penso nos leitores. Eles esperam o jornal na expectativa de lerem alguma coisa proveitosa, não posso decepcioná-los.

Algumas vezes não os decepciono, mas, quando aquilo que escrevi não era o que os leitores esperavam, fico torcendo para que sejam compreensivos comigo, para que tenham a piedade de entender que quando se escreve todos os dias é impossível estar sempre munido de um desfastio alentador.

Quase sempre dá certo. E, quando não dá, não que relevar. Consola-me a ideia de que o que interessa é a média, quando alguma coluna for insossa, estéril ou de pensamento errático, não passará de um acidente de percurso. No dia seguinte, se Deus quiser, vai melhorar.

Eu não trabalho numa fábrica de pregos, onde sempre há que se produzir pregos, todos os dias, em escala industrial.

Eu trabalho em uma fábrica de ideias, algumas delas são rutilantes, mas outras são frouxas, mancas, sem brilho.

E os leitores saberão se colocar numa posição discernível de encantamento quando escrevo bem e de perdão apenas quando me saio mal.

E haverá de distinguir que não sou um artista plástico, que pode só apresentar ao público a sua obra quando ela for satisfatória.

Não. Eu tenho prazo diário severo para entregar a minha obra.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Lou Marques entre Soraia Fialho e Socorro Fialho



A aniversariante com suas irmãs Penha Santos e Concita Mendonça



Silvana Ferro, Rose Medeiros, Vanusa Alves, Fátima Ximenes e Noelia Rocha



Paulinha Lobão, Lenny Giffony, Uildinora Salgado e Tatiana Lobão



Fátima Salomão, Gisele Castro Pinheiro, Lou Marques, Roxana Cunha e Teca Gaspar



Evaldina Fernandes, Graça Sampaio e Camila Joare com Lou Marques



Lou Marques com Vera Sousa e Clara Moreira



Ana Isabel Azevedo, Lou Marques e Aline Zaffe



Um beijo de Cidinho Marques na esposa Lou selou um romance que dura várias décadas

GIRASSÓIS PARA FESTEJAR LOU MARQUES

Os girassóis do pintor Van Gogh sumiram! Onde foram parar? Nessa hora é preciso um bom detetive! Com seu olhar curioso, de quem tem experiência com brincadeira de esconde-esconde, o menino detetive vai aprender sobre diferentes tipos de flores, sequência numérica e a arte de um dos pintores mais importantes do mundo.

Livro instigante, de Edna Ande e Sueli Lemos, publicado com o selo da Casa do Lobo e indicado para crianças a partir de 6 anos.

Quando visitei, pela primeira vez, em Londres (Inglaterra), a National Gallery, dei de cara com Os Girassóis, óleo sobre tela de Vincent van Gogh. Alegria da vida e da morte em seus extremos paradoxais, a obra-prima supera o impressionismo em sua explosão intensa de amarelos. Os girassóis de amarelo e marrom intensos aparecem vivos e mortos, no esplendor do desabrochar e no murchar desbotado. A tela percorre toda uma vida com vontade de imprimir um manifesto evidente: a existência precisa ser bela e extrai da arte essa potência, para que o mecânico da vida moderna não prevaleça sobre o humano relegado a segundo plano, mote central na obra do holandês.

É difícil ver tristeza em Os Girassóis, de Van Gogh. Mas o quadro de 1888, um dos vários que ele pintou sobre o tema, funciona como alegoria da vida e da morte, na fase do artista em que as cores se mostravam mais explosivas. Van Gogh fez aqui a ponte entre o impressionismo comedido e um futuro expressionismo militante, de denúncia, por meio da beleza e

das injustiças sociais. Os girassóis de amarelo e marrom intensos aparecem vivos e mortos, no esplendor do desabrochar e no murchar desbotado. A tela percorre toda uma vida com vontade de imprimir um manifesto evidente: a existência precisa ser bela e extrai da arte essa potência, para que o mecânico da vida moderna não prevaleça sobre o humano relegado a segundo plano, mote central na obra do holandês.

Artista que enlouqueceu e acabou se suicidando, Van Gogh é representante central de um momento em que a razão de ser da arte passou a ser questionada. Numa época em que o sistema fabril imprimia à sociedade um ritmo difícil de acompanhar, o artista começou sua obra retratando os pobres em tons escuros e sombrios. Mas, quando conheceu em Paris o trabalho dos impressionistas, ele viu que a arte não precisa retratar uma realidade por si só: pode ser agente de transformação da sociedade.

Ironicamente, a mesma indústria que oprimia permitiu o aparecimento dos pigmentos que Van Gogh empregou em Os Girassóis, como o amarelo-cromo, surgido no século 19. Esse amarelo e outros tons da mesma cor compõem a alma da série em nome de uma pintura que é ao mesmo tempo ação, "verdadeira até o absurdo, viva até o paroxismo, ao delírio, à morte", nas palavras do historiador italiano Giulio Carlo Argan.

Embora muito parecidos, cada quadro de girassóis feito por Van Gogh é considerado uma obra separada. As primeiras tentativas de pintar as flores no vaso acabaram servindo para decorar

o quarto do pintor Paul Gauguin, que na época se refugiara em Arles, no interior da França, atrás das cores efusivas de Van Gogh. Outro consenso que vale pôr em dúvida é o fato de Van Gogh ter aprendido tudo o que sabia com os impressionistas.

O holandês fez parte da escola, é inegável, mas basta olhar Os Girassóis mais de perto para ver em sua técnica que ele superou o retrato das sensações preconizado pelo movimento: o emparelhamento estridente das cores, o ritmo cambiante dos contornos e as pinceladas fechadas, quase sobrepostas, tornam o quadro, nas palavras de Argan, um "sinal de vitalidade febril, convulsiva".

Pois bem, numa tarde leve e descontraída a empresária Lou Marques recebeu amigas para celebrar o seu aniversário na última sexta-feira (17), no Restaurante Mamma, na avenida dos Holandeses. Lou Marques – que domina como poucos a arte de bem receber – não podia fazer diferente para celebrar a sua nova idade em grande estilo, deixando o ambiente ainda mais acolhedor.

As convidadas seguiram a caráter o dress code da festa, usando azul e branco – um pedido da aniversariante – para combinar com a atmosfera de Maio, mês das flores e de Nossa Senhora.

O ponto alto do almoço festivo foi a chegada, de surpresa, do marido Cidinho Marques que, inspirado em Os Girassóis, de Van Gogh, homenageou a esposa com um buquê de girassóis para dizer que assim como a planta que olha para o sol ele olha para a esposa.

Para as convidadas, Cidinho distribuiu rosas vermelhas.



Lou Marques com a juíza Noélia Rocha, Rose Medeiros e a estilista Vanuza Araújo



Soraia Gonçalves e a aniversariante



Lou Marques e Aparecida Carvalho



Donizetti Machado e Vitória Régia Salles



Maria dos Remédios e Wal Oliveira



Mariléa Costa e a aniversariante



Adriana Pinho Lima e Jesus Nunes



Luana Tavares, Lou Marques, Sofia Santos e Concita Mendonça



Lou Marques com Adriana Marques e Patrícia Brandt e os girassóis que ganhou do marido



Paulinha Lobão e a filha Tatiana fazem moldura para Cidinho e Lou Marques



Fotos/Divulgação

o ex-ministro Sarney Filho e o filho João José ao lado do presidente Lula e do ex-presidente Sarney com a primeira dama do País, Janja da Silva, e a ex-primeira dama Marly Sarneast

Lula e Sarney em encontro fraterno

No último domingo, a residência do ex-presidente José Sarney, em Brasília, viveu um momento especial.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a primeira dama Janja visitaram o ex-presidente José Sarney e Dona Marly, em sua casa no Lago Sul, em Brasília.

Durante quase três horas, uma longa conversa de fim de tarde varou a noite em que os dois estadistas falaram de assuntos sérios que afligem o Brasil e também de amenidades.

Presentes, além do anfitrião e os visitantes, Dona Marly Sarney mais o filho Sarney Filho e o neto João José.

Um encontro temperado pelas melhores e mais saudáveis conversas, cujo real conteúdo só a História dirá.



O abraço fraterno e carinhoso dos dois presidentes – o atual presidente Lula e o ex-presidente Sarney



Sarney Filho e João José Sarney com o presidente Lula e o ex-presidente Sarney



Rose Medeiros, Rosimar Salgueiro e o Repórter PH

Uma noite marcada pelo consumo de grandes vinhos e ótimas conversas marcou uma das muitas comemorações da nova idade deste Repórter PH. Aconteceu na Cabana do Sol, domingo, em noite orquestrada por Rosimar e José Carlos Salgueiro, Rose e Eli Medeiros, André Jardins, Juninho Luang e Benjamin Franklin Alves (reunidos na foto ao lado)



O uso vil da tragédia

Mesmo com algum atraso, deve ser saudada a disposição das principais plataformas digitais que operam no país de colaborar para colocar um freio na onda de desinformação relacionada à tragédia climática no Rio Grande do Sul. Um protocolo de intenções com esse objetivo foi assinado na segunda-feira entre a Advocacia-Geral da União (AGU) e representantes de Meta, TikTok, X, Google/YouTube, Kwai e LinkedIn. Aguarda-se que possa produzir resultados efetivos.

Tão logo se pôde dimensionar a extensão da catástrofe e a mobilização necessária para fazer frente às consequências da chuvarada, se iniciou uma torrente de fake news e posts maliciosos, que geraram efeitos bem mais graves do que desgaste de figuras públicas ou governos. A desinformação causou episódios de pânico

entre a população afetada, atrapalhou esforços de resgate, mobilizou equipes para verificar situações falsas e desincentivou doações. Também proliferaram golpes por meios digitais usando a tragédia como isca.

O acordo firmado prevê que as empresas ficarão mais atentas em relação a conteúdos que violem os seus termos de uso. As plataformas, muitas vezes omissas pelos próprios interesses financeiros, comprometem-se ainda a promover informações confiáveis sobre as enchentes. É preciso cuidado, no entanto, para não confundir desinformação prejudicial e produzida com o intuito deliberado de enganar com críticas a administrações estatais ou a gestores.

A liberdade de expressão, princípio constitucional a ser protegido, abarca reparos e opiniões contrárias à atuação de políticos ou órgãos públicos.

Semana da Festaça

Já estamos na reta final de produção da Festaça de Maio em Noite de Gala, que será realizada no Palazzo Eventos na noite de 29 de maio, próxima quarta-feira, véspera do feriado de Corpus Christi.

Tudo indica que será o maior, mais charmoso e elegante evento social desta temporada no Maranhão.

O baile deste ano, será mais descontraído e terá um toque de cultura popular com a apresentação do mega espetáculo inspirado na lendária "Festaça Boi da Lua", destacando a beleza das brincadeiras de bumba-meu-boi nesse período em São Luís.

Como a Festaça de Maio em Noite de Gala será realizada no mês de maio, aproveitarei também para comemorar minha nova idade que transcorreu no último sábado, dia 19.

Semana da Festaça...2

Vale lembrar: a Festaça de Maio em Noite de Gala não será uma festa caipira, mas um baile com o mesmo charme de outros eventos do gênero realizados nesse período pela Coluna PH e o PH Revista.

A exemplo do que acontece nos icônicos bailes da Vogue, em São Paulo, a produção está sugerindo às mulheres que usem e abusem da criatividade acrescentando ao look com suas roupas de gala, adereços das brincadeiras de bumba-meu-boi.

Os homens que não quiserem entrar no clima, estarão bem vestidos usando camisa social preta (de manga comprida), ou blazer preto ou azul marinho.

Semana da Festaça...3

Os convites para a Festaça de Maio em Noite de Gala continuam sendo feitos, por telefone, pela organizadora de nossa lista de convidados, Teresa Martins, que deve concluir essa tarefa neste fim de semana.

As confirmações de nomes badalados de nossa sociedade já estão avançadas, sinalizando que esse evento será mais um grande sucesso com a marca desta coluna.

Aliás, estamos pedindo para que as confirmações de presença sejam feitas ainda neste fim de semana, para que possamos tocar o projeto e realizarmos uma festa inesquecível.

Como inesquecíveis serão as surpresas num ambiente decorado com bom gosto e criatividade pela designer Cíntia Klamt Motta.

Arroz e importação

Em resposta a questionamento feito por alguns políticos, a Companhia Nacional de Abastecimento confirmou que o governo federal decidiu manter a compra de um milhão de toneladas de arroz do Paraguai e Uruguai. Na primeira leva serão 300 mil toneladas.

Diante da urgência provocada pelas enchentes no Rio Grande do Sul – Estado que responde por 80% da produção nacional –, o governo brasileiro anunciou também que irá diversificar as fontes de importação e não descarta a negociação com países como a China.

A medida é importante para reduzir a pressão sobre o mercado interno, garantir o abastecimento de arroz e evitar a especulação dos produtores do Sul.

Com a manutenção da compra, o governo demonstra a preocupação em estabilizar os preços e garantir segurança alimentar.

Em vários estados, incluindo o Maranhão, os preços foram reajustados e há casos de mercados racionando o produto.

Agricultura e movimento

Cerca de dez mil agricultores de todo o País estão em Brasília reivindicando mais recursos para a agricultura familiar e melhoria nas condições de produção no campo.

É a 24ª edição do Grito de Terra Brasil, coordenado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Federações e Sindicatos.

A pauta de reivindicações, que inclui a ampliação do orçamento e solução de questões emergenciais, foi entregue ao presidente Lula em abril deste ano. De acordo com a coordenação nacional da Confederação, o atual modelo de agricultura brasileira é conservador, parcial, excludente e ecologicamente insustentável.

De Fernando Pessoa

“Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso”.



Fotos/Divulgação

Alejo Ollé conduzindo sua filha Anne Ollé ao altar

CASAMENTO NA ESPANHA

Uma linda festa de casamento foi realizada pelo espanhol Alejo Olle para o casamento de sua filha Anne Olle.

Alejo é casado com a maranhense Adriana Sarney, filha de Nelma e Ronald Sarney.



Alejo com Jero Reyes, Rodolfo Almeida e Alfred Sant (deputado da União Europeia)



Ricardo Minoves, Gisele e Eduardo Busmayer, Cristiane Neves e Bruno Padilha, Rodolfo Almeida e Jero Reyes



Os noivos em frente à igreja medieval

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Dirce Fecury Zenni ao lado da mesa de doces com o bolo de aniversário

ALMOÇO DE 90 ANOS COM LINDAS CAMÉLIAS

Sabem todos que a camélia é uma flor que carrega muitos significados e simbolismos, dependendo da cultura e do contexto. Na cultura japonesa, por exemplo, a camélia é um símbolo de amor e felicidade. Na China, a camélia é associada à coragem e à honra. No ocidente, a camélia é frequentemente associada à beleza e à perfeição.

A camélia é um gênero de plantas da família Theaceae que produz as flores conhecidas como camélia, cameleira, e em algumas regiões de Portugal, também

conhecidas como japoneira. As camélias são arbustos e pequenas árvores com folhas e flores perenes e brilhantes que florescem entre o outono e a primavera.

Em latim, camélia significa “ajudante do padre” e recebeu esse nome em homenagem ao botânico jesuíta Georg Joseph Kamel, que praticava botânica farmacêutica no final do século XVII. Ele é conhecido por seu trabalho nas Filipinas, onde viveu por mais de 20 anos dedicando sua vida à descoberta de novos tratamentos a partir de fontes vegetais nativas.

Embora não haja registro de Kamel trabalhando com camélias, a flor foi batizada em sua homenagem por Carl Linnaeus para homenagear o jesuíta por suas muitas contribuições para o mundo da farmácia.

No Brasil, a Camélia era o símbolo da Confederação Abolicionista, criada em 1883, no Rio de Janeiro, com sede no jornal “Gazeta da Tarde”.

Geralmente, as flores da camélia simbolizam amor, afeto e admiração. As flores da camélia estão disponíveis em branco, rosa e vermelho com cada cor tendo seu

próprio simbolismo único.

Na festa de comemoração dos 90 anos da Sra. Dirce Fecury Zenni, realizada na deslumbrante casa dos sobrinhos Daniela e Marco Antonio Fecury, na Península da Ponta d’Areia, havia camélias de todas as cores, nos portaguardanapos, nos arranjos de flores das mesas e do buffet numa linda composição floral.

Mais, ficou por conta da música romântica a cargo de PP Junior e Fabrícia, que interpretaram um repertório de belas músicas sugeridas pela aniversariante.



Thiago e Raissa entre Silvia e Roberto Furtado



Dirce Fecury Zenni cercada pelos netos Davi e Julia e a irmã dos dois, Manuela e o pai dos três jovens, Fabricio Trifone



Desembargadora Nelma Sarney, Virna Fecury Zenni, o Repórter PH e Teresa Martins



Felipe Fecury Tavares com as irmãs Lorena e Luiza em torno de Dirce Fecury Zenni



Ricardo Fecury Zenni e suas irmãs Vânia e Virna com a mãe Dirce Fecury Zenni



Mauro Fecury cercado por Teresa Martins, o Repórter PH e a acreana Nani Lima (madrinha de batismo de Mauro)



Rachel Furtado Zenni e Ricardo Fecury Zenni com a sogra e mãe Dirce



Mirthes e João Carlos Bello Ferreira



Alberiquinho Ferreira e Ana Maria



João Carlos Bello Ferreira, Fábio Braga, Lúcio Lobo, Benedito Buzar e seu irmão Raymundo



Sayure e Leonardo Fecury Braga com Dirce Fecury Zenni



Dirce Fecury Zenni entre Bruna Paz e Marcelo Vilas Boas

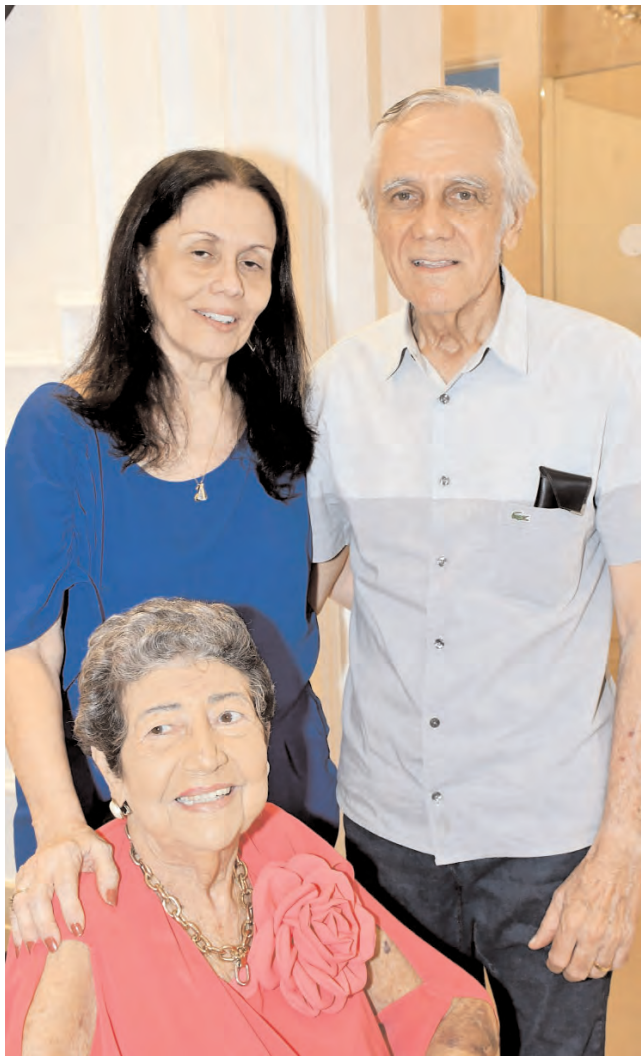
Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Dirce com a filha Virna e os netos Davi e Júlia Fecury Zenni Trífone



Dirce com o irmão Mauro Fecury



A aniversariante com Silvia e Sérgio Nogueira Santos



Dirce com José Vasquez e esposa e Dea Vasquez



Carla e Clóvis Fecury com a aniversariante



Jô Bacelar, Marcelo Vilas Boas e Ricardo Zenni



Daniela e Marco Antonio Fecury com Bruna Paz Vilas Boas



Alberiquinho Ferreira e a aniversariante



O Repórter PH com Teresa Martins e Fabrício Trífone



Miguel Fecury e Lidia com Vânia Fecury Zenni e a aniversariante



Jadenn Lima e Víctor Figueiredo



PP Junior e Fabricia deram um belo show



Raissa e Virna Fecury Zenni com Fabrício Trífoni e Wanderley Lima



Silvia e Roberto Furtado com a aniversariante



Antonieta e Bernardino Ribeiro com a aniversariante



Luiz Fernando Figueiredo cantando para a aniversariante

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Daniela Fecury, Vania Fecury Zenni, Lorena, Dirce, Virna, Luiza e Felipe Fecury Tavares



Ana Elizabeth Fecury Braga com a nora Sayure e o filho Leonardo Fecury Braga em torno da aniversariante



Henrique Augusto Moreira Lima com Mônica, Elcy e Bento Moreira Lima com Mauro Fecury e a filha Beth



Dirce com Paulinho Fonseca e a desembargadora Nelma Sarney



Paulo Lago, Elvira Fecury, Ana Elvira Fecury, Ludmilla e Guilherme Fecury



Beth e Fábio Braga com a aniversariante



Daniela e Carla Fecury



Ana Maria Bacelar Ferreira com Dirce Zenni



Thiago, Raissa, Anamália, Rachel e Ricardo Zenni com Ana Luiza e Roberto Zenni posando com a aniversariante



José Antonio Fecury Ferreira, Carlos Fecury Ferreira, Mirthes e João Carlos Bello Ferreira e João Carlos Junior



Reprodução

No palco, fazendo uma interpretação aplaudida e premiada, a grande atriz Amanda Acosta

BIBI, UMA VIDA EM MUSICAL

chega a São Luís aplaudido pela crítica e pelo público como um dos maiores musicais já produzidos no Brasil

Um dos espetáculos mais premiados do teatro brasileiro, 'Bibi, uma vida em musical' faz uma nova turnê por cinco cidades do Brasil e incluiu São Luís no roteiro, juntamente com Vitória do Espírito Santo, João Pessoa, Belém e Manaus. O espetáculo retorna aos palcos para celebrar o centenário de Bibi Ferreira, uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos.

Em BIBI, Uma Vida Em Musical, a história familiar, profissional e amorosa da artista se enredam. A formação em música, dança e línguas estrangeiras foi estimulada pela mãe Aida Izquierdo, bailarina espanhola. A estreia profissional no teatro, aos 19 anos, foi pela mão do pai, o ator Procópio Ferreira, em papel escrito por ele para a filha. Assim, o musical percorre todas as fases da vida de Bibi, da escolha do seu nome, sua preparação para os palcos, os espetáculos musicais como os inesquecíveis 'Gota d'Água', de Paulo Pontes e Chico Buarque, que este Repórter aplaudiu no Teatro Galpão, no Rio, a convite da atriz e cantora, 'My Fair Lady', 'Alô Dolly' e 'Piaf, a Vida de Uma Estrela da Canção', seus casamentos, o nascimento da filha única, Tina Ferreira, as viagens para Portugal e Inglaterra a trabalho, a homenagem da escola de samba Viradouro até sua chegada a um teatro da Broadway, aos 90 anos.

O espetáculo celebra ainda o legado de Artur Xexéo, que partiu em 2021. Um dos maiores jornalistas brasileiros, autor de espetáculos como 'Cartola - O Mundo é um Moinho', 'Eu Não Posso Lembrar Que Te Amei - Dalva e Herivelto', 'Hebe, o Musical', era fã confesso e avaliou a importância de Bibi Ferreira na profissionalização do ator no Brasil, em relação ao seu ofício.

Em Bibi, uma Vida em Musical, a atriz Amanda Acosta (foto acima) fala, gesticula e caminha como Bibi Ferreira. Também impressiona na pele da homenageada ao soltar a voz em Gota d'Água, Non, Je Ne Regrette Rien e New York, New York. É através de uma composição interiorizada, no entanto, que a intérprete encontra a alma da personagem ao apresentá-la da adolescência aos dias atuais.

Com um farto material nas mãos, os autores Artur Xexéo e Luanna Guimarães humanizaram a diva, explorando inseguranças artísticas e conflitos pessoais, como suporte para contar a biografia que atravessa quase um século do teatro brasileiro. A ambientação circense, que serve de fio condutor, equilibra a montagem e torna mais leves momentos densos como o flerte da artista com o engajamento político.

Destaques do numeroso elenco coadjuvante, Chris Penna personifica o ator Procópio Ferreira e Guilherme Logullo compõe um sedutor Paulo Pontes, dramaturgo e um dos maridos de Bibi. Direção cênica de Tadeu Aguiar e musical de Tony Lucchesi (180min, com intervalo), estreou em 4/5/2018.

De volta aos palcos para celebrar o centenário de Bibi Ferreira, o espetáculo fez sua estreia da nova turnê nacional em Vitória, no palco do Teatro Universitário. Com direção geral de Tadeu Aguiar, direção musical de Tony



O Repórter PH com dois nomes de peso de Bibi, Uma Vida Em Musical: Rosana Penna e Claudia Neves

Lucchesi e texto de Artur Xexéo e Luanna Guimarães, o musical é protagonizado por Amanda Acosta, coroada pela atuação em prêmios importantes do teatro brasileiro, como o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o da Cesgranrio. Além da atriz, o espetáculo conta com mais 17 atores, que interpretam 33 canções - cinco delas criadas especialmente para o espetáculo, com letra e música de Thereza Tinoco, que já teve composições gravadas por artistas como Simone, Ney Matogrosso e Lucinha Araújo.

O espetáculo celebra ainda o legado de Artur Xexéo, morto em 2021. Um dos maiores jornalistas brasileiros, autor de espetáculos como Cartola - O Mundo é um Moinho, Eu Não Posso Lembrar Que Te Amei - Dalva e Herivelto e Hebe, o Musical, ele era fã confesso e avaliou a importância de Bibi Ferreira na profissionalização de atores e atrizes no Brasil. "No teatro musical, ela foi, sem dúvidas, a primeira atriz brasileira pronta para o gênero. Antes dela, havia as vedetes de revista, não necessariamente atrizes", declarava Xexéo.

A nova turnê de Bibi

Bibi, Uma Vida Em Musical será apresentado pela primeira vez no Maranhão.

Um dos espetáculos mais premiados do teatro brasileiro, 'Bibi, Uma Vida Em Musical' faz uma nova turnê por cinco cidades do Brasil, incluindo São Luís. O espetáculo será apresentado nos dias 24, 25 e 26 de maio, às 19h30, no Teatro Arthur Azevedo, celebrando o centenário de

Bibi Ferreira, uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos.

O musical tem uma trajetória vitoriosa: 44 prêmios e 112 indicações. Apresentado pelo Ministério da Cultura e Circuito Cultural Bradesco Seguros, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, o espetáculo é uma realização da Negri e Tinoco Produções Artísticas.

"Falar de Bibi Ferreira é falar da história do teatro, ela foi a grande dama do teatro brasileiro e foi a pioneira em musicais, quando em 1962 fez 'My Fair Lady'. Hoje o Brasil é o 3º país que mais realiza musicais. Ela viveu e respirou teatro a vida inteira. É essa história que será contada para o público de São Luís.

O musical reúne 18 atores em cena. Além de Amanda Acosta, estarão no palco Chris Penna, Gottsha, Simone Centurione, Rosana Penna, João Telles, Fabrício Negri, Leandro Melo, Julie Duarte, Fernanda Misailidis, Mariana Montenegro, Flávio Moraes, Ariel Venâncio, Leonam Moraes, Daruá Góes, Léo Araújo, Elis Loureiro e Rafa Diverse.

"Não consigo lembrar de mim fora de um teatro". Assim se descrevia Bibi Ferreira, 96 anos de vida e 76 como atriz, cantora, diretora e produtora. A trajetória pessoal e profissional dessa estrela brasileira só poderia ser contada e celebrada levando para o palco o próprio palco, das companhias de comédia, do teatro de revista, dos grandes musicais e do teatro engajado em que ela atuou.

Em São Luís, a apresentação do sábado, dia 25 de maio, será inclusiva com acessibilidade em Libras e recurso de audiodescrição. Os ingressos já estão

à venda no site Ingresso Digital, <https://tinyurl.com/3mz4vnxw>.

A vida e a arte de Bibi

Sob direção musical de Tony Lucchesi, que também dirigiu os musicais 'A Cor Púrpura', 'Eu não posso lembrar que te amei - Dalva e Herivelto', o elenco interpreta 33 canções. Cinco delas foram criadas especialmente para o espetáculo, com letra e música de Thereza Tinoco, que já teve composições gravadas por Simone, Ney Matogrosso, Lucinha Araújo, entre outros. Um dos grandes sucessos compostos por Thereza foi a canção 'O Viajante', tema do personagem de Tony Ramos, na novela Baila Comigo, da TV Globo. Thereza compôs ainda para vários espetáculos infantis, como 'Fica Combinado Assim', de Herval Rossano, além de dois números musicais para 'Bibi in Concert Pop III', a pedido de Bibi Ferreira.

Amanda Acosta

Amanda foi integrante do Trem da Alegria, de 1988 a 1992, quando o trio se desfaz. Atriz de cinema e TV, ela tem cada vez mais se tomado um dos principais nomes do teatro musical, participando de espetáculos como 'Essa é a nossa Canção', 'Baby, o Musical' e '4 Faces do Amor', todas sob direção de Tadeu Aguiar.

Amanda viveu também no palco outra grande estrela nacional, Carmem Miranda, além de ter interpretado Eliza Doolittle na montagem paulista de 'My Fair Lady', de 2006, o mesmo papel que Bibi Ferreira fez na primeira encenação brasileira da peça americana.



Trecho da Ponte José Sarney, sobre o Rio Anil

GERMINAL DE UMA CIDADE

Nestes primeiros dias do mês de maio, como as cidades e as antigas civilizações, costume surgir à margem dos rios. Muitos rios já os vi, em vagabundos passeios municipais e internacionais. Porém este - eu vos digo - é o rio Anil e, à sua margem, tenho a inesperada sensação de que não estou sendo apenas eu, mas em mim ocorre o consequimento de uma civilização. Uma cidade que nasce: eis, precisa e estranhamente o que sou, à margem do rio que desce, como a vida no seu mais puro estado de arte.

Como uma esteira rolante, o rio segue o curso natural de suas águas, acrescido, aqui um pouco, adiante outro tanto, até que, em volume, vai desaguar no mar, quem sabe num lago, prosaicamente talvez noutro rio, despersonalizando-se, na fusão.

Este é o Anil, nem é preciso que o identifique, pois ele tem líquida cidadania são-luicense. Olho-o, na mansidão horizontal como ele se desloca do nível mais elevado em que se encontrava, em suas nascentes, para o outro lado mais baixo, lá adiante, até onde os meus olhos não alcançam o controle do estuário.

Acompanho-o da ponte, como se meus olhos fossem duas iscas atiradas com o anzol que fizará a quietude poluída das águas. Manso agora (e poluído) rio Anil. Eis que, em sua margem, estou e, assim, começa a nascer, dentro de mim, como ocorreu com o rio Nilo, uma civilização. Debruço-me sobre a ponte, esperando que o Anil transborde para não continuar faltando água... nas torneiras de São Luís. Se isto ocorrer, tentarei repetir, dentro de mim, a tarefa, sobre o solo do lodo. Sou um estulto, pois admito que isto jamais acontecerá: as águas do rio Nilo fertilizaram a terra para o surgimento de uma das primeiras civilizações do mundo. E o rio Itapecuru? Ao transbordar, fecunda a angústia maranhense, ela cresce, desordenadamente, com ímpetos predatórios. E forma uma civilização vivida por aflitos seres.

Jogo meus olhos dentro do rio Anil, como duas sementes aquáticas. Elas hão de frutificar, do lodo que fica sobre o solo, ao baixar das águas. Não era assim que, empiricamente, faziam os egípcios, na terra que o Nilo, ao transbordar, enriquecia? Desse mesmo modo procedo: as sementes dos meus olhos germinarão às margens do rio Anil. Colherei depois mil outros olhos para ver a próxima primavera invadir a sombra e desvendar o anotecido mistério são-luicense. (Pois, não foi a semente uma das primeiras descobertas do homem, na lenta escalada evolutiva de selvagem a bárbaro, depois a nômade e, tantos milênios decorridos, regredir agora a selvagem?)

Surjo à margem dos rios. Aqui e alhures. No Anil, agora. Debruço-me sobre a ponte e quem passa não percebe que, em mim, há o germinal de uma cidade. Segmenta-se uma civilização, seguindo parâmetros do Nilo: aproveitar a fertilidade do solo, após o transbordar das águas. Recolho depois meus olhos de dentro do rio, com aquele mesmo gesto maquinal do pescador que procura o jerer simples para pesca.

Estou à margem de um rio e nasce uma cidade, dentro de mim.

Eis a primeira indagação urbanística: devo arborizá-la, plantando carvalhos que me assegurem sombras, nos 40 graus das tardes de angústia; ou plantarei gerânios para colher, em raras manhãs de quietude? A segunda dúvida: que tipo de civilização irá formar-se, no germinal da cidade que sou?

(Sim. Sob arrepios confesso: há outras dúvidas!)



Ponte Bandeira Tribuzi, sobre o Rio Anil



DE LIVROS, TEXTOS E HIPERTEXTOS

“Dediquei uma parte de minha vida às letras e creio que uma forma de felicidade é a leitura... devemos ler unicamente aquilo que nos agrada (...) um livro tem de ser uma forma de felicidade”. (Jorge Luis Borges)

A questão da permanência do livro na era da imagem digital ainda é um dos assuntos mais polêmicos nesses tempos de Internet. Compreensível. Quem ainda não se perguntou como é possível a um jovem, adolescente, não acometido de moléstia grave, permanecer estático diante de uma escrivinha ou sentado numa poltrona mirando com olhos, durante horas, as monótonas linhas escritas de um livro com poucos atrativos visuais, ainda que seja um Harry Potter? Conheço vários que ganharam de presente, de suas tias ou avós, a malfadada coleção e sequer ultrapassaram duas ou três páginas. Soube de outros – pioneiros – que leram algumas até o dia em que foi lançado o filme.

Há crianças que se esforçam em ler e até mesmo demonstram prazer nesse hábito. Muitas delas o fazem para agradar os pais, principalmente aqueles que sempre sonharam ter uma infância como a de seus filhos.

Borges, o melhor escritor das Américas e, com certeza, o maior leitor de todos os tempos, não apenas lia muito quando criança como também decidiu ser escritor aos seis anos de idade. Na época isso representava decidir ser corredor de fórmula um, astronauta ou jogador de futebol. Ele seguia as trilhas de um modismo e de uma contingência inevitável: nascido de uma família culta e rica, estava predestinado a levar adiante as tradições europeias, tão intensamente mimetizadas na colônia urbana portenha. Não perdeu tempo assistindo programas da Xuxa, projetando-se em avatares de videogame ou acompanhando os rasos e idiotizantes diálogos de um Big Brother. Sorte dele.

Em “A Biblioteca de Babel”, um conto que faz parte de “Ficcões”, escrito na vitalidade de seus 45 anos, Borges recriou o Universo numa biblioteca imensa, infinita, na qual estariam depositados todos os livros possíveis, imagináveis e inimagináveis, todos os que foram escritos e também todos os que poderiam ter sido escritos. Em um dado momento, ele se depara com uma possibilidade lógica: a de que deveria haver um livro que fosse “um compêndio perfeito de todos os demais”, o livro dos livros (assim como o Cântico dos Cânticos, o prólogo dos prólogos, etc...).

Essa alucinação literária de Borges é bem o retrato do que hoje vemos na Internet: textos e mais textos distribuídos em bilhões de sites; textos que se repetem, que se recriam, que nada criam, que para nada servem ou que constituem o sumo (ou o bagaço) de leituras periódicas, textos sobre textos, textos sobre textos de textos e daí em diante. E quem os lê? E como os lê? Como chegam até eles, como os descobrem?

O livro dos livros da biblioteca de Babel é um livro também infinito (Borges o descreve como um livro de páginas que se multiplicam, quando folheadas, em outras tantas páginas mais finas), é um hipertexto que jamais termina porque os assuntos para os quais ele remete não cessam de remeter a outros e outros, numa sucessão infinita.

Engana-se, porém, quem pensa que os textos literários são discretos, lineares e passíveis de



hermenêuticas exatas, interpretações fechadas, inequívocas, ainda que sejam aqueles de fácil leitura, escritos pelo imortal (e finito) Paulo Coelho, ou outro não tão bem sucedido no gênero. Eles também são, à sua maneira, hipertextuais. Toda fala cita outras falas, pois “falar é incorrer em tautologias”. Dessa forma, “a certeza de que tudo já está escrito nos anula ou nos fantasmagoriza”, afirma Borges, diante da inevitável conclusão de que qualquer livro pode ser o compêndio de todos os demais. E isso nem tem a ver com sua eventual qualidade literária, mas com a característica hipertextual de tudo (ou quase tudo) o que se fala e que se escreve.

Borges teve a sorte de não ler Harry Potter, pois morreu em 1986. Mesmo se estivesse vivo, não gastaria seu precioso tempo e sua precária e tão comprometida visão com literaturas do gênero ou com best-sellers de auto-ajuda do tipo “eu te darei o céu”. Nem por isso descartaria tais subprodutos literários de uma biblioteca universal, cujos livros falam periodicamente de si mesmos e de quem os lê ou escreve.

Independentemente da qualidade do mercado editorial, muito se escreveu, muito se tem escrito, mas – nos perguntamos –

quem está lendo, quem lê o que é escrito, hoje, em livros?

Há muitas controvérsias quando a discussão se pauta em números. As editoras brasileiras nunca lançaram tantos livros como nos últimos anos. Superamos a marca da Espanha, um dos mais destacados centros editoriais do Planeta, e estamos em ritmo de crescimento frenético. É importante lembrar que a população brasileira continua crescendo vertiginosamente, o que – por baixo – explicaria o crescimento do consumo. Mas a pergunta que nos fazemos não é quantas pessoas compram livros, mas quantas lêem esses livros.

Há uma diferença que parece passar despercebida na mídia: um sucesso editorial em vendas não significa “leitura realizada”. Uma pessoa alfabetizada e com um nível médio de escolaridade poderia ler, em média, um livro de 200 a 300 páginas a cada semana, considerados os afazeres médios dessa pessoa média. Poderia fazê-lo, a princípio, desde que tivesse interesse e tivesse desenvolvido disciplina interna que possibilitasse o desligamento temporário do mundo exterior para a concentração que uma leitura (média) requer. Quem pode dispor de pelo menos duas horas diárias para leitura, isolando-se

do telefone, da TV, do computador, da música, do barulho das crianças, das compras do supermercado, das perseguições do chefe, da vigilância dos que querem seu cargo, do trânsito, dos congestionamentos, da falta de dinheiro, etc?

Uma pessoa média, urbana (como 80% dos atuais brasileiros) está sujeita a (e é sujeito de) uma série de distrações, perversões, dispersões e diversões que solicitam movimento, deslocamento, atenção múltipla e repartida, atitudes absolutamente incompatíveis com a leitura de livros. Assim, no burburinho dos ritmos do século XXI, só é possível ao dispersivo e múltiplo cidadão médio a leitura diária de algumas notícias de jornais e revistas. Mas, como bem nos alertou o sábio chinês Lin Yutang, “não se pode chamar leitura a essa tremenda quantidade de tempo que perdemos com jornais”.

Há algum tempo, Nicholas Negroponte, um dos maiores expoentes do mundo da informática e um dos papas do MIT, em visita ao Brasil, revelou, sem nenhum escrúpulo, num programa de TV, que não havia lido sequer um livro em toda sua vida; muito menos escreveu seu próprio livro, o que foi feito por um profissional do texto,

contratado por ele para transformar informações orais em páginas escritas. Quanto a essa segunda revelação, não temos muito o que estranhar: de que outra forma entenderíamos um livro escrito por artista global? Porém, para uma personalidade de sucesso no mundo da nova intelectualidade informatizada, a declaração causou espanto e exige reflexões mais aprofundadas.

Tudo nos leva a crer que as pessoas que compram livros não estão, necessariamente, lendo-os. E o que levaria um cidadão médio a despender dinheiro para adquirir algo do qual não desfruta? A resposta parece estar na segunda parte da mesma pergunta e pode surgir, com maior clareza, quando ampliamos as possibilidades de entender o que significa desfrutar um livro.

O livro, antes de ser algo que se presta a alguma utilidade (tal como o aprendizado sistemático ou o conhecimento induzido nas empresas) é um fetiche, um objeto possuidor de qualidades mágicas, uma vez que contém – a princípio – a solução para alguns problemas ou alguns problemas para nossos excessivos estoques de soluções. Possui-lo, equivale a deter o dom do conhecimento, antes do conhecimento propriamente dito; equivale a ter opções antes de o dilema se instaurar, a ter possibilidades antes da necessidade. Assim, ter acesso ao livro é ter acesso aos seus poderes mágicos, ainda que não o saibamos. O cidadão médio urbano e comum compra livros, não os lê e se sente melhor apenas em tê-los.

Estudantes de graduação – salvo estranhas exceções – sequer os compram porque, sem maiores motivações, ainda não alcançaram o estado do fetiche. Porém, estudantes dos cursos de especialização, mestrados e doutorandos compram livros e não leem sequer uma ínfima porcentagem do que lhes chegam às mãos. Compram para consultá-los em caso de necessidade ou de inevitabilidade. Lêem pouco, aos poucos, ainda que tenham forçosamente de resenhá-los ou prestar satisfação aos seus orientadores.

Poucos leem o que compram, saboreiam o que adquirem, fazem da leitura um ato de prazer e de amor, tal como o fez Borges em toda sua vida. Borges não lia por obrigação, mas por curiosidade e prazer. E mesmo assim, os livros nunca deixaram de ser, para ele – até o final de sua vida – fetiches violentamente arrebatadores. Alberto Manguel (meu companheiro de geração – nascemos no mesmo ano, 1948) testemunhou em várias oportunidades o fervor com que Borges, já cego, cheirava livros e lambia suas lombadas (as do livro).

O ex-ministro e ex-deputado Delfim Neto, a despeito de suas duvidosas opções políticas, é famoso por possuir uma das maiores bibliotecas particulares do País. Certa vez, num dia de semana, à tarde, eu o encontrei num sebo encravado entre duas casas de strip-tease, na parte baixa da rua Major Sertório, em São Paulo. No porão da livraria, ao lado de um abajur, ele folheava livros amarrotados e empilhava seus preferidos. Após aconselhar-me a leitura de Georg Simmel, o abastado político revelou-me ser aquele o

seu esporte predileto, seu furtivo prazer, o “segredo” de possuir a maior e mais valiosa biblioteca particular do País.

Dessa e de outras formas, fetiches ou ferramentas de trabalho, ocasiões de conhecimento e prazer, o livro ainda parece encontrar espaços num mundo informatizado, dominado pelas imagens digitais e mediatizado pela economia das modernas tecnologias de comunicação.

Porém, se a era do livro ainda nos parece promissora, outros textos se tornam mais vivos que nunca, provando-nos que não necessitam competir com os livros para assumirem novos espaços no cenário das leituras. Esses novos textos dançam, quebraam e piscam intermitentemente nas telas dos computadores e das TVs; ganham cores e formatos que apenas os artistas gráficos russos do início do século XX seriam capazes de vislumbrar. Deixam as palavras e ganham outros ambientes, levando o cidadão médio urbano a entender o que os semioticistas russos já tinham compreendido nos anos 1960: que “texto” é tudo o que pode ser lido, além das óbvias palavras organizadas em frases, períodos, parágrafos, capítulos e títulos.

Alberto Manguel lia livros para Borges. Borges ouvia, imaginava e viajava pelos sons e sentidos lidos, aos quais se agregava a voz, a entonação e a paciência de Manguel. O resultado desse affair era um outro texto, mais imaginativo e visual, a despeito da cegueira física do grande leitor de palavras. Manguel desenvolveu sobremaneira sua já aguçada sensibilidade para perceber a complexidade que atua em cada ato de leitura, seja ele de um livro, seja de uma imagem cinematográfica, de uma pintura ou de uma visão cotidiana do centro de uma cidade.

Hoje ainda se escreve muito. Há muito texto na Internet. Há muita porcaria também, mas ninguém é obrigado a ler Harry Potter... o que não desvaloriza sua importância num mundo plural, exibicionista e oferecido, que se insinua para qualquer um, mesmo para quem não pode vê-lo.

Ainda é bom que as pessoas sejam estimuladas a ler. Mas que não se isolem do grande texto que contém essas leituras. O mundo atual oferece muitas opções e solicita ao seu leitor atenções múltiplas, percepções ampliadas, ou seja, competências para explorar inter e hipertextos. Nesse cenário, educar para a leitura corresponde a propiciar guias capazes de desenvolver o discernimento entre o que deve e o que não deve compor o ambiente textual.

O leitor do século XXI precisa decidir em que lugar vai perder o seu tempo. O critério do prazer, enfatizado pelo sábio Jorge Luis Borges, ainda nos parece o mais simples e o mais eficaz paradigma porque, para valer a pena e cumprir seus efeitos, a leitura tem de ser uma forma (competitiva) de felicidade.

Dos escritores fantásticos, o meu preferido é Jorge Luis Borges. Adoro Passear em seus labirintos, mas, como Teseu, sem perder o fio do novelo. Acho que a loucura e a lucidez andam lado a lado, como dizia Raul Seixas.



Evandro Júniorevandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[_evandrojr](https://www.instagram.com/_evandrojr)[@evandrojr](https://www.instagram.com/@evandrojr)

'Arraiá Samba do Pinto'

É neste sábado o 'Arraiá Samba do Pinto', com a presença de bandas e artistas como Argumento, Os Parças, Samba da Tamarineira e os DJs Tiago e Arsênio Filho. A festa vai acontecer no Casarão Colonial, a partir das 17h.

Os grupos folclóricos maranhenses serão representados na festa pelo Boi de Nina Rodrigues, um dos mais contagiantes do gênero no Maranhão. A festa também marcará o retorno do cantor Bruno Shinoda ao Casarão, após um hiato de quatro meses.

O evento é encabeçado pela label Samba do Pinto, um dos mais vitoriosos projetos da área do samba na capital maranhense, comandado pelo boa praça Mário Júnior.

Maranhão Solidário

A Assembleia Legislativa do Maranhão aprovou o projeto de lei oriundo de Medida Provisória de autoria do Poder Executivo que reestrutura o programa 'Maranhão Solidário'.

A matéria foi encaminhada pela presidente da Assembleia, deputada Iracema vale (PSB), à sanção do governador Carlos Brandão (PSB).

O programa 'Maranhão Solidário' tem como objetivo atender as populações em situação de vulnerabilidade social, garantindo a efetivação dos direitos fundamentais e sociais, conforme prioridades fixadas pelo governador do Estado.

Andanças, fulgores e vivas

A Companhia Barrica do Maranhão deu início a sua programação cultural para a temporada junina e segundo semestre de 2024, incluindo apresentações, exposições, viagens regionais e internacionais e exibição de documentário.

A maioria das atividades é relacionada ao projeto 'Andanças, Fulgores e Vivas!', que conta com patrocínio do Instituto Cultural Vale e do Laboratório Cedro, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. A realização é do Ministério da Cultura / Governo Federal.

Exposição Ponto de Luz

A agenda teve início na Casa de Arte Barrica, com a reabertura da exposição 'Ponto de Luz' e apresentação do show 'Andanças, Fulgores e Vivas!', que dá nome ao projeto deste ano, destacando as criações artísticas da Companhia Barrica voltadas aos ciclos festivos maranhenses: Natalina da Paixão (Natal e Semana Santa), Boizinho Barrica (São João) e Bicho Terra (Carnaval).

Em junho, também na Casa Barrica, haverá apresentação do novo espetáculo em celebração ao quadragésimo festejo junino do Boizinho Barrica e exibição de vídeos da Exposição 'Ponto de Luz'.

No início do segundo semestre, no mês de julho, a programação de viagens regionais do grupo por municípios maranhenses será retomada, desta vez com incursões às cidades de Anajatuba, Santa Inês, Alto Alegre do Pindaré e Açailândia, onde será apresentado o espetáculo 'Andanças, Fulgores e Vivas!'.

Ensaio no Maracanã

Os grupos folclóricos irão movimentar a agenda cultural neste fim de semana com seus ensaios para a temporada junina. Um deles é o Boi de Maracanã, sotaque de matraca, que realiza ensaio neste sábado (25), em sua sede, no Maracanã, reunindo a comunidade, brincantes e convidados. O grupo folclórico centenário é um dos mais engajados e está sob a presidência da sempre animada e atenciosa Maria José Soares.



CLICK do novo ensaio fotográfico da influenciadora digital Thaynara OG, que nesta temporada adota um visual junino especialmente para entrar no clima do São João da Thay, evento que assumiu um formato de festival e vai acontecer em dois dias, ou seja, 7 e 8 de junho, no Espaço Reserva, no Shopping da Ilha, com um desfile de celebridades, entre cantores e influenciadores de vários cantos do Brasil, além de artistas e grupos folclóricos locais



Natália Deodato é uma das celebridades que marcarão presença no evento beneficente organizado pelo designer de sapatos Cláudio Carvalho na noite deste sábado (25), no Basa Clube, no Calhau, com espetáculos de grupos folclóricos, artistas locais e o cantor Aldair Playboy. Na foto, a ex-BBB com o anfitrião em uma das edições anteriores da festa



Geisy Arruda também desembarca em São Luís neste sábado para brilhar como presença vip na festa junina organizada pelo designer de sapatos Cláudio Carvalho



O escritor Luiz Thadeu Nunes e Silva acaba de lançar, em Portugal, o livro autoral "Das muletas fiz asas", que conta sua história de vida, que pode ser dividida em dois momentos: antes e depois de um acidente de trânsito que o deixou com mobilidade reduzida, mas que o permitiu ser o cidadão mais viajado do mundo, segundo o Guinness Book. Ele já esteve em mais de 140 países

Festa em Noite de Gala

Pergentino Holanda está bastante entusiasmado para, mais uma vez, receber a sociedade em clima de baile de gala. Sua noite temática confirmada para a próxima quarta-feira (29) no Palazzo Eventos, véspera de feriado, será das mais incrementadas, divertidas e dançantes. É, sem dúvida, a mais charmosa recepção desta temporada, com o bom gosto peculiar de toda a sua equipe, que inclui a designer Cíntia Klamt Motta e Tereza Martins.

Com um toque junino, com destaque para o bumba meu boi, PH receberá em grande estilo durante a 'Festa em Noite de Gala', quando também vai comemorar seu aniversário, transcorrido no último dia 19 deste mesmo mês.

A exemplo do que acontece nos icônicos bailes da Vogue, em São Paulo, a produção está sugerindo às mulheres que usem e abusem da criatividade adicionando ao look com suas roupas de gala adereços das brincadeiras de bumba meu boi.

Os homens que não quiserem entrar no clima estarão bem vestidos usando camisa social preta de manga longa ou blazer preto ou azul marinho.

- O Instituto Cultural Vale abriu inscrições para a Chamada Instituto Cultural Vale 2024, que vai destinar R\$ 30 milhões para patrocínios a projetos de todo o Brasil.

- Este é o quinto edital nacional lançado pelo Instituto desde 2020, e tem o objetivo de fomentar a cultura, fortalecer a economia criativa, valorizar as diversas expressões artísticas e democratizar o acesso à produção cultural brasileira em todo o Brasil.

- Realizados com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura, os aportes dos patrocínios selecionados pela Chamada Instituto Cultural Vale 2024 serão realizados ainda neste ano.

- Ao todo, serão destinados R\$ 30 milhões, divididos em três faixas de valores - até R\$ 400 mil; até R\$ 800 mil e até R\$ 1,6 milhão.

- As inscrições podem ser feitas no site do instituto (instituculturalvale.org) até às 23h59 do dia 14 de junho de 2024. O regulamento e as respostas para as principais dúvidas também estão disponíveis no portal do Instituto.

- O edital receberá inscrições de projetos em cinco categorias: Festividades, Circulação, Música, Dança e Patrimônio Imaterial.

- A seleção dos patrocínios selecionados pela Chamada Instituto Cultural Vale 2024 será feita com a participação de especialistas externos (profissionais que são referência nas áreas do edital) e de comissões internas da Vale e do Instituto Cultural Vale.

- No próximo dia 28 de maio, às 16h30, no Centro de Estudos Constitucionais e de Gestão Pública, no São Francisco, o jornalista e advogado Mhario Lincoln Santos lançará a terceira edição atualizada do livro "INA: A Violação do Sagrado", sob curadoria de Silvana Tamer.

- O lançamento contará com a presença de especialistas, autores e entusiastas de cultura popular e ecologia.